

# CINCO EXPOSIÇÕES E UM COLECTIVO

Eduarda Neves

*A Arqueologia descreve os discursos como práticas específicas no elemento do arquivo<sup>1</sup>.*

*O grupo não deve ser o laço orgânico que une os indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de desindividualização<sup>2</sup>.*

Cinco exposições *in situ* são apresentadas pelo colectivo DAS PLAST V PJS.<sup>3</sup> Nestas propostas, os conceitos de Arte, Energia e Circulação constituem interacções fundamentais por referência às singularidades dos próprios espaços expositivos. Nas particularidades das respectivas localizações geográficas e na multiplicidade das suas historicidades, encontramos um *intermezzo*: a arte é energia, a energia é circulação, seja por terra ou por mar. A partir dos espaços considerados percorrem-se as relações entre o saber e o poder, perverte-se o tempo e o espaço, escava-se no esquecimento da origem. Mais sintomatologia e menos ontologia. Menos fontes e mais descontinuidades. Nem princípio nem fim. Apenas velocidades.

À semelhança da tarefa do genealogista, não se trata de um retorno à origem, explicitar uma análise evolutiva ou mostrar a presença do passado no presente. Procura-se no arquivo, na rede que se tece entre os múltiplos elementos de um conjunto heterogêneo, o dito e o não-dito, a nossa actualidade. Como escreve Deleuze:

O novo é o actual. O actual não é o que somos mas aquilo em que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir; *a parte da história e a parte do actual*. A história é o arquivo, é o desenho do que somos e deixamos de ser, enquanto o actual é o esboço daquilo em que nos vamos tornando. A história e o arquivo são o que nos separa ainda de nós próprios, sendo o actual esse Outro com o qual coincidimos desde já.<sup>4</sup>

O corte que afasta as obras da continuidade e da identidade temporal é o mesmo que lhes permite aproximarem-se das modalidades concretas da existência mas também da transposição dos seus limites. Através

1. Michel FOUCAULT – *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 149.

2. Michel FOUCAULT - “Introduction to a non-fascist life” [Preface]. In Gilles Deleuze, Felix Guattari, *Anti-Oedipus. Capitalism and Schizophrenia*, New York: Viking Press, 1977, pp. XI-XIV.

3. Amarante Abramovici, João Vasco Paiva, Sérgio Leitão, Tânia Dinis, Vera Santos.

4. Gilles DELEUZE – *O Mistério de Ariana*. Lisboa: Editora Vega, 1996, p. 93.

dele se mostra a diferença no que somos e no que fazemos, a nossa razão de ser. Participando na tarefa do impensado e na possibilidade da interpretação de uma narrativa reescrita sempre e já a partir do exterior, estas propostas *in situ* não constituem qualquer forma de mediação entre História e Verdade. Nestes projectos, enquanto lugares de marcas silenciosas, de processos e caminhos, ou ainda de ecos individuais e colectivos da prática artística, circulam historicidades com ou sem significações específicas, reagrupamentos que procuram sentido num todo. Assim, estas intervenções constituem reservatórios espacio-temporais, memórias de singularidades, acontecimentos ou lugares, que se afirmam como possível território de construção crítica. Como bem sublinhou Daniel Buren a propósito da prática *in situ*, a sua primordial característica é a de que a obra deve nascer e ser apresentada a partir do espaço no qual se inscreve e para o qual foi pensada.<sup>5</sup> Neste sentido, a obra transforma ou confere outra dimensão ao lugar.<sup>6</sup> Não se pretende reacção mas sim perturbação. Diálogo da obra com um espaço específico mas também com a história desse lugar, a arquitectura, a paisagem, as pessoas.

Cada uma destas exposições configura a experiência de um colectivo no qual o processo de despersonalização se constitui como disparidade de fundo. Circulação num espaço-tempo que se expande, um entroncamento, junção e bifurcação de caminhos. Enquanto campo de imanência a ser construído, um colectivo é uma aventura, uma descoberta e, como estas obras, construído *in situ*. Como todos os encontros.

Eis algumas razões para uma arte não demissionária. A construir.

5. A actividade artística de Daniel Buren é definida por esta prática desde 1965. Não é por acaso que este artista na sua biografia oficial indica que vive e trabalha *in situ*.

6. “A noção de site-specific caracteriza de maneira muito imperfeita as modalidades de referência, pois na maioria das vezes ela mantém a ideia de que a obra pertence ao lugar e não o contrário.”, in, Jean Marc POINSOT - “L’in-situ et la circonstance de sa mise en vu [au] musée”. *Les Cahiers du Musée National d’Art Moderne*, Centre Georges Pompidou, n. 28, 1989.